

Projecto e Paixão - Sobre a Investigação Não Aplicada

Leonor Ferrão

Arquitecta Assistente da F.A.U.T.L.
lferrao@fa.utl.pt

Resumo

Partindo do pressuposto de que o público-alvo destes escritos é constituído, essencialmente, por estudantes finalistas, jovens licenciados e mestrandos, pretende-se contribuir para a clarificação do conceito de tese de doutoramento em Arquitectura e em *Design*.

Desde logo impera a distinção entre *investigação pura* e *investigação aplicada*. Em traços largos, a investigação aplicada identifica, selecciona e hierarquiza as diversas acções que conduzem ao *projecto* (considerando aqui o termo na acepção de concepção, de representação mental ou de representação gráfica de um determinado objecto); a investigação pura consubstancia-se nos registos da HISTÓRIA/CRÍTICA ou da TEORIA, da Arquitectura e do *Design*. Ao invés da investigação aplicada, a investigação pura não reverte directamente para o *projecto* nem se esgota nele. Qualquer que seja o registo ou o género literário que melhor se adequa ao contexto (criado ou a criar), importará assumir a condição de *sujeito* do *projecto* de investigação.

Palavras-chave: investigação, teoria, história, crítica.

Com os agradecimentos a Alexandra Quintas e a Margarida Louro, pelo convite para participar neste Seminário. Com a devida vénia a Enzo Mari, a quem pedi emprestado o título do seu penúltimo livro¹ porque sintetiza o essencial para desenvolver uma investigação (não aplicada), conducente à apresentação de provas de doutoramento em Arquitectura ou em Design.

Começo por formular uma questão: o que se entende por tese de doutoramento em Arquitectura ou em Design??

A resposta parece ser relativamente simples se o enquadramento disciplinar for o da HISTÓRIA (da Arquitectura ou do Design). E se não for esse, então qual poderá ser?

Antoine Picon (n. 1957), em conferência recente sobre teses de doutoramento em Arquitectura² enfrentou o problema de um modo lapidar, desfazendo algumas confusões que diagnosticou como sendo muito frequentes entre tese histórica e tese teórica e entre tese teórica e projecto.⁴

Um projecto teórico (tese teórica, investigação não aplicada, investigação pura) difere de um projecto (investigação aplicada).

Se um projecto teórico pode manipular a História não poderá confundir-se com ela. Para esclarecer melhor o problema, convoca-se um clássico da historiografia da Arquitectura - *Teorie e storia dell'architettura* (1968).⁵ Neste trabalho, Manfredo Tafuri (1935-94) insiste nas diferenças entre fazer História da Arquitectura, Teoria da Arquitectura e Arquitectura. Tafuri estava, essencialmente, preocupado em historicizar a crise do Movimento Moderno e em expurgar as confusões entre História e Teoria do acto projectual, as quais, eram fonte de nostalgia (e, por isso, pouco geradoras de novos mundos formais). Dirigia-se aos arquitectos, enquanto profissionais do projecto, para lhes lembrar que as manipulações da História não são HISTÓRIA mas simplesmente projectos teóricos.⁶



Fig. 1 Novel Amsterdam en Amerique. 1672
Gérard Jaffain (2-1683)

1 Mari, E., 2001. *Progetto e passione*. Bollati Boringhieri, Torino.

2 Tratando-se de dois registos disciplinares autónomos mas que se reclamam do projecto, as respectivas metalinguagens apresentam inúmeras afinidades e intersecções.

3 A conferência foi organizada pelo Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra e decorreu no Anfiteatro "Pedro Nunes" (2004/01/21). Sobre Antoine Picon ver a página pessoal em <http://www.gsd.harvard.edu/people/faculty/index.html> (acesso confirmado em 2005/07/28).

4 Considerado no sentido em que o termo costuma empregar-se em Arquitectura, como coisa mental, em primeiro lugar, para poder ser posta fora da mente através de uma representação gráfica que permite a sua comunicação em obra (ou fora dela, lembrando aqui dimensão expressiva/autónoma do desenho).

5 Tafuri, M., 1979. *Teorias e História da Arquitectura*. Trad. A. Brito e L. Leitão, rev. W. Ramos. Editorial Presença: Lisboa.

6 *Ibidem*, op. cit., pp. 202-3.



Fig. 2 Olisippo. Lisabona.

Anónimo (2ª metade do séc. XVI) in Georgius Braun, *Civitates Orbis Terrarum*, (1593) V, 5.

Este “ser ou não ser” em matéria de teses na área da Arquitectura ou do Design é de grande interesse para quem procura um tema fora do registo disciplinar da História. Assim, importa identificar um modelo de referência para concretizar o discurso. Segundo Antoine Picon, o ensaio *Delirious New York*⁷ de Rem Koolhaas (n. 1944) é um paradigma possível de uma tese de doutoramento em Arquitectura. Goste-se ou não da obra arquitectónica deste Autor ou do seu lema de choque (“fuck the context!”) e por mais imprecisas que sejam as suas considerações sobre uma estampa de Nova Amesterdão de 1672⁸ (que não é mais do que uma vista de Lisboa da 2ª metade do século XVI⁹ com a legenda alterada - poder-se-á imaginar Manhattan com sete colinas?), no contexto, não tem a mínima importância: em *Delirious New York* não há um, mas vários argumentos, cujo desenvolvimento também passa, como vimos, pela validação de uma manipulação da História. Apesar, acrescento agora, do carácter assumidamente fragmentado do objecto e, ainda, do reduzidíssimo aparato erudito e do modo como o Autor apresenta as conclusões (em apêndice e adjectivadas de “fictional”),¹⁰ num computo geral, cumpre os requisitos. Antoine Picon “dixit”.

Este exemplo serve, também, para desdramatizar o empreendimento TESE, aqui tomado como metonímia de *projecto teórico*: Koolhaas não é Leon Battista Alberti (1404-72). “Donc, c’est possible!”

Se o pensamento teórico se fragmentou - característica que já se encontra no texto citado de Koolhaas - parece ter-se pulverizado definitivamente a partir dos anos 80. Se esta afirmação for verdadeira, então quais são as possibilidades de uma Teoria da Arquitectura ou do Design, “aqui e agora”? Se excluirmos o género tratado, por manifesta escassez de autores (para encurtar razões), subsistem as abordagens a aspectos parcelares da realidade - como o ensaio de Koolhaas - e os textos de natureza especulativa de tipo “comentador”, segundo a classificação

7 Koolhaas, R., 1978. *Delirious New York*. Oxford University Press: New York.

8 Koolhaas, R., 1994. *Delirious New York*. The Monacelli Press: New York, p. 14.

9 Estampa de um Anónimo publicada por Braun, G., 1593. *Civitates Orbis Terrarum*, V. Cf. França, J.-A., 1994. “Imagens de Lisboa através dos Séculos”. *Rassegna*, 16 (59), p. 7. Agradeço a Carlos Bártolo a chamada de atenção para esta apropriação curiosíssima, que escapou a Koolhaas; consequentemente, escaparam, também, as possíveis interpretações para esta (con) fusão entre Lisboa e Nova Amesterdão. Esta informação já circula na rede, por iniciativa da Biblioteca do Congresso <http://www.loc.gov/tr/hispanic/portam/nyc.html>, acesso confirmado em 2005/10/11; ver também <http://hdl.loc.gov/loc/gmd/g3804n.ct000034> (link com acesso confirmado em 2005/10/11).

10 Os arquitectos que produzem projectos de investigação não aplicada estão dispensados de todas as exigências inerentes ao trabalho científico? Esta questão poderia ser o mote de outro seminário sobre investigação em Arquitectura.

de Françoise Choay (n. 1925?), e de que é exemplo o ensaio de Martin Heidegger (1889-1976), "Bauen, Wohnen, Denken" (1951).¹¹

O discurso fora do enquadramento sumariamente descrito, ainda que reportando à TEORIA, pertence ao domínio da HISTÓRIA/CRÍTICA¹² (não é possível construir um discurso histórico/crítico sem invocar fundamentos ou argumentos que provêm da teoria),

Sintetizando, em primeiro lugar, é preciso escolher o registo e, em segundo, o tema. Porém, é só o princípio.

Outra parte essencial para o êxito do projecto de tese, prende-se com o envolvimento emocional que uma empresa de tal natureza pressupõe.

As mentes positivistas inquietam-se quando se fala de PAIXÃO num contexto que deve ser estritamente racional. Ignoram um dado da neurociência: a mente humana não consegue escolher, decidir e agir sem as emoções. Para os descrentes de que é fundamental amar o projecto que se escolheu e sentir-se feliz com essa escolha, recomenda-se uma viagem *Ao Encontro de Espinosa*¹³ onde se poderá aprender, entre muitas outras maravilhas, que as intuições de Bento Espinosa (1632-77) sobre a elevada produtividade dos estados de alma associados aos sentimentos de felicidade e de alegria, estão cientificamente certas. Ao modificarem a mente do sujeito, alteram o modo como este se relaciona e pensa o mundo à sua volta.

Se falar de felicidade é, para alguns, coisa muito imprecisa, talvez incendeie menos as consciências mais sisudas o conceito de MOTIVAÇÃO, que, não sendo exactamente seu sinónimo, se relaciona com ele, indirectamente.

No contexto "sério" das Ciências Sociais e Humanas (mas não tão "sério", é certo, como o das ciências ditas exactas) e admitindo que a Arquitectura pertence, pelo menos em parte, às Ciências Sociais e Humanas, vem à colação um ensaio de Ernst Gombrich (1909-2001) escrito em 1973¹⁴ sobre a importância da motivação em trabalho científico: "o método só diz respeito à teoria [da História], não tem nada que ver com a motivação. Se se perguntar a um historiador porque razão ele quer saber isto ou aquilo, ele terá toda a legitimidade para responder 'porque a questão me interessa'".¹⁵ As razões para esse interesse - ou para essa motivação - podem ser muito variadas e nem todas terão, forçosamente, de estar presentes na consciência do sujeito.¹⁶

A motivação para estudar este ou aquele problema (ou tema) não oferece, à partida, as questões que devem ser colocadas, as hipóteses, a teoria, a produção de prova ou a sua refutação. Mas é, indubitavelmente, geradora de um estado mental propiciatório para a acção. Dito de outro modo, sem gostar muito do projecto de investigação que se abraçou, não há motivação nem vontade que resistam às adversidades próprias de um empreendimento desta natureza: uma

11 Para uma tentativa de sistematização das diversas modalidades de teoria, ver Fémão, L., 2005. "O Céu [não] Pode Esperar". *Arquitectura-Revista de Design da Universidade Lusitana de Lisboa*, 1, Outono, pp. 58-60.

12 Seguimos a concepção de História partilhada pela escola italiana, que não separa História de Crítica. Cf. Tafuri, M., 1995. "Non c'è critica, solo storia - Richard Ingersoll entrevista Manfredo Tafuri". *Cosabella*, 59 (619-20), Gen.-Feb., pp. 96-8 (esta entrevista teve uma primeira publicação em 1986).

13 Damásio, A., 2003. *Ao Encontro de Espinosa - As Emoções Sociais e a Neurobiologia do Sentir*. Publicações Europa América: Mem Martins.

14 Gombrich, E., 1994. "Art History and the Social Sciences". In: E. Gombrich, *Ideals and Idols - Essays on Values in History and in Art* (pp.131-66), Phaidon: London (trad. livre da autora).

15 Idem, op. cit., p. 133.

16 Podem ter relação com aspectos psicológicos do investigador, formação académica, influência que alguns temas e problemas exercem sobre si, modas intelectuais, resposta a encomendas de trabalho concretas, imposição da instituição académica que tutela a investigação... (cf. o ensaio de Ernst Gombrich para a maior parte dos itens desta lista).

investigação para apresentar provas de mestrado ou de doutoramento é, também, uma prova de resistência.

E eis que o discurso se amarra ao sujeito dirá o espectador, em vez de se ocupar do objecto ou de questões epistemológicas importantes. Porém, o sujeito é determinante para o resultado. O fragmento invocado de Ernst Gombrich dá conta disso mesmo e poderemos convocar-se um texto filosófico para melhor elucidar a importância do sujeito no trabalho científico. Acrescenta-se o termo *convicção* ao título inicial, "Projecto e Paixão", e remete-se para um ensaio de Fernando Gil (n. 1937) no âmbito da filosofia da ciência.¹⁷

A convicção é um misto de crença, prática (acção) e intuição. Fernando Gil recupera esta descrição de Ludwig Wittgenstein (1889-1951) para afirmar que "a estrutura das atitudes epistémicas - crer, duvidar e estar certo - e os seus operadores intuição e prática - não implicam nenhuma referência aos contextos e às épocas. Mantêm-se invariáveis, independentemente dos seus conteúdos."¹⁸ Se assim for, aplica-se ao contexto presente, i.e, ao trabalho científico nos registos disciplinares da Arquitectura e do Design.

E prossegue: "Crença e fundamento são conceptualmente distintos de convicção e intuição [mas] não é [...] possível separá-los. Os dois grupos recobrem-se conceptualmente e misturam-se na efectuação do conhecimento. A crença não é uma excrescência da inteligibilidade pois contribui positivamente para a convicção e a intuição. Ela constitui, não menos que a reflexão, o ponto de partida de toda a investigação",¹⁹ nomeadamente porque "crê-se sem consultar a experiência e independentemente de toda a justificação racional: o ser é posto pela imaginação. [...] A crença subjaz às práticas cognitivas."²⁰ E esclarece:

Opor uma crença que se subtrai à exigência da prova a uma racionalidade que satisfaz os critérios de rigor é tão insuficiente como opor uma intuição arbitrária à objectividade da explicação científica. A crença e a intuição são a parte maldita da inteligibilidade que a epistemologia tradicional recusa. [...] A racionalidade prende-se com a crença, e a explicação deve culminar na intuição para produzir convicção.²¹

Fernando Gil pretende, assim, restituir à convicção o valor de um "saber da certeza" (novamente Espinosa) e continua:

A hipótese, a teoria e a prova obedecem a critérios de racionalidade com vocação universal, os seus domínios e os seus procedimentos são objectivos, mas a objectividade tem um preço: a negação do subjectivo. A racionalidade erradica as preferências individuais.²²

¹⁷ Gil, F., 2003. *Convicção*. Trad. A. Cardoso e M. Lança, rev. F. Gil. Campo das Letras: Lisboa.

¹⁸ *Idem*, p. 19.

¹⁹ *Idem*, p. 16.

²⁰ *Idem*, *ibidem*.

²¹ *Idem*, p. 14.

²² *Idem*, *ibidem*.

Neste ponto, intui-se que nada disto pode ser bom. Nem para o sujeito, nem para o objecto (de estudo). Se "a compreensão não se refere nem à experiência imediata nem à linguagem, decorre, antes, de uma apropriação", importa indagar "como é que o conhecimento se dá ao sujeito cognoscente, quais as operações desta

doação, o que é que esta mobiliza para que haja compreensão”²³. Invocando o pensamento do matemático Hermann Weyl (1885-1955), afirma: “a tarefa do conhecimento não pode certamente ser preenchida pela visão intuitiva [...]. Na matemática pura [...] nós não intuimos a verdade, não basta abrir muito os olhos, a verdade exige ser conquistada pelo agir”, o qual, no contexto do pensamento de Weyl, é “construtivo”.²⁴ E Fernando Gil cita outro matemático, David Hilbert (1865-1943), partilhando o mesmo entendimento de *construção*, i.e., o “processo ‘que nos põe à frente dos olhos, em experiências de pensamento que incidem sobre objectos intuitivamente representados, o raciocínio directamente contentual que se realiza, livre de pressuposições axiomáticas, na sua aplicação e exercício’”.²⁵

A construção é, antes de mais, “uma experiência interna, [e só] por extensão é um processo linguístico cujo suporte é a actividade do sujeito criador”. A intuição é “o processo de construção e a própria construção” (Jean Largeault).²⁶

Fica esboçada a importância da convicção para a “pulsão do agir”, para começar, continuar e encerrar uma investigação.

“O querer - ele próprio forma superior [...] de uma cadeia cuja base é o desejo - materializa-se em acções e, ao fazê-lo, espacializa-se e temporaliza-se”.²⁷

Conjuguem-se o verbo querer, num tempo justo.

23 *Idem*, p. 15.

24 *Idem*, *ibidem*.

25 *Idem*, *ibidem*.

26 *Idem*, *ibidem*.

27 *Idem*, p. 27.